



ALEXANDRE DOS SANTOS BASÍLIO CESÁRIO

PREPOSIÇÕES DO ESPÍRITO SANTO

Monografia

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Teologia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Waldecir Gonzaga

Rio de Janeiro
2024

Agradecimentos

Em primeiro lugar, expresso minha gratidão a Deus, pela Sua infinita bondade e misericórdia.

Agradeço, com imenso carinho, aos incentivos recebidos de minha esposa e de meu filho Matheus, por suas constantes orações, apoio e afeto, que foram fundamentais nesta jornada.

Estendo minha gratidão ao professor, padre Fábio de Souza Balbino, pela paciência, mentoria e dedicação que sempre demonstrou. Igualmente, reconheço o professor, padre Waldecir Gonzaga, como instrumento divino que tornou possível esta valiosa oportunidade em minha vida.

Agradeço, ainda, ao Departamento de Teologia da PUC-Rio e a todos os professores que contribuíram para minha formação.

Finalmente, mas não menos importante, rendo exaltação a Deus por todos os ensinamentos que recebi de minha mãe. Embora sua partida tenha sido dolorosa, seu legado jamais será apagado; seus ensinamentos permanecem gravados de forma indelével na tábua do meu coração.

Resumo

Cesário, Alexandre dos Santos Basílio. **Preposições do Espírito Santo**. Rio de Janeiro, 2024. 43p. Monografia apresentada ao Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este estudo explora o papel das preposições no entendimento e na representação do Espírito Santo nas Escrituras e na tradição cristã. Ele examina como essas preposições estruturam a linguagem teológica, conectando conceitos fundamentais desde o Antigo Testamento até a Igreja contemporânea. A pesquisa destaca a ação do Espírito Santo na criação, profetismo e aliança salvífica, bem como sua presença na vida de Jesus e no Pentecostes. Além disso, analisa a expansão missionária da Igreja, a harmonia dentro do Corpo de Cristo e o impacto dos carismas na renovação comunitária. Por meio desse estudo, busca-se compreender a relevância das preposições na construção de uma visão integrada e dinâmica da atuação do Espírito Santo ao longo da história da salvação e na espiritualidade cristã.

Palavras-chave

Espírito Santo; Teologia Bíblica; Preposições; Linguagem Teológica.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. AS PREPOSIÇÕES DO ESPÍRITO SANTO NO ANTIGO TESTAMENTO	5
2.1 O ESPÍRITO SANTO NA CRIAÇÃO	5
2.2 A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NO ANTIGO TESTAMENTO	7
2.3 A PRESENÇA DO ESPÍRITO NAS PROFECIAS DO ANTIGO TESTAMENTO	8
2.4 A PRESENÇA DO ESPÍRITO DE DEUS EM ISRAEL	10
3. PREPOSIÇÕES DO ESPÍRITO SANTO NO NOVO TESTAMENTO	12
3.1 A PRESENÇA DO ESPÍRITO NA ENCARNAÇÃO	12
3.2 O ESPÍRITO DE DEUS EM JESUS SEGUNDO LUCAS	14
3.3 O ESPÍRITO SANTO E A MISSÃO DA IGREJA	16
3.4 O CULTO EM ESPÍRITO E VERDADE	18
4. AS PREPOSIÇÕES DO ESPÍRITO SANTO NA IGREJA PRIMITIVA	22
4.1 O ESPÍRITO SANTO E A VIDA DA IGREJA	22
4.2 A FORÇA DO ESPÍRITO NA IGREJA E NO MUNDO	24
4.3 PENTECOSTES E O CULTO DA NOVA ALIANÇA	26
4.4 A VIDA CRISTÃ COMO CULTO ESPIRITUAL	28
5. AS PREPOSIÇÕES DO ESPÍRITO SANTO NA IGREJA CONTEMPORÂNEA	30
5.1 O ESPÍRITO SANTO E A TRANSFORMAÇÃO DA HUMANIDADE	30
5.2 TEMPLOS DO ESPÍRITO SANTO	32
5.3 O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO	34
5.4 AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NA COMUNIDADE CRISTÃ	38
6. CONCLUSÃO	41
7. REFERÊNCIAS	42

1. INTRODUÇÃO

As preposições são elementos essenciais na estruturação das frases em português, estabelecendo relações entre palavras e conferindo significado e coesão ao texto. Entre as mais frequentemente utilizadas estão "sobre", "com", "em" e "no", cada uma desempenhando um papel específico e importante na construção do sentido.

A preposição "sobre" é usada para indicar posição acima de algo, bem como temas ou assuntos. Por exemplo, na frase "O livro está sobre a mesa", "sobre" indica a posição do livro. Em "Falaram sobre o projeto", ela introduz o tema da conversa.

A preposição "com" expressa companhia, instrumento ou modo. Em "Ela foi ao parque com seus amigos", "com" indica a companhia. Na frase "Escreveu com uma caneta", a preposição mostra o instrumento utilizado.

A preposição "em" tem múltiplas funções, incluindo indicar lugar, tempo e estado. Em "Ela mora em São Paulo", "em" denota o local. Na frase "Chegarei em uma hora", "em" refere-se ao tempo. Além disso, "em" é usada para indicar estado, como em "Está em paz".

A forma contraída "no", que resulta da combinação de "em" com o artigo definido "o", é utilizada para especificar lugar de maneira mais direta. Por exemplo, "Estou no escritório" indica claramente o local específico.

. Essas preposições não só conectam as palavras, mas também adicionam nuances e especificidade às frases, garantindo clareza e precisão na comunicação. No contexto de textos bíblicos, o uso correto dessas preposições é crucial para a interpretação precisa das Escrituras, uma vez que pequenas variações podem alterar significativamente o entendimento do texto.

As preposições "sobre", "com", "em" e "no" são essenciais para descrever o Espírito Santo na Bíblia, pois ajudam a esclarecer seu papel e suas ações. Por exemplo:

- "Em": Indica a presença e a ação do Espírito Santo dentro dos crentes. Exemplo: "Eles foram todos cheios do Espírito Santo".

- "Com": Mostra a companhia e a assistência do Espírito Santo. Exemplo: "Mas o Espírito Santo é o que me conforta".

- "Sobre": Pode indicar a ação do Espírito Santo sobre as pessoas. Exemplo: "E o Espírito Santo descia sobre eles".

- "No": Indica um estado ou condição influenciada pelo Espírito Santo. Exemplo: "Eles estavam no Espírito Santo". Essas preposições ajudam a transmitir a relação entre o Espírito Santo e os indivíduos, bem como suas ações e influências.¹

O propósito deste estudo é demonstrar a ação do Espírito Santo nas Sagradas Escrituras, a utilização das preposições “sobre”, “com”, “em” e “no”, juntamente com seus significados específicos, na abordagem pneumatológica no Antigo Testamento, conforme a Bíblia Hebraica; da mesma maneira no Novo Testamento, de acordo com a tradução da LXX, assim como na Patrística e na atualidade. Deste modo, o trabalho encontra-se organizado em quatro capítulos. Nos dois primeiros capítulos serão apresentadas as preposições referentes ao Espírito Santo no contexto da Sagrada Escritura, na antiga e nova aliança. Os capítulos terceiro e quarto serão abordados as preposições do Espírito Santo, no contexto da igreja primitiva e contemporânea.

Compreender a pneumatologia a partir de suas manifestações nas Sagradas Escrituras e na Patrística é fundamental para analisar a atuação do Espírito Santo ao longo da história de Israel, da Igreja e do Cristianismo. Por meio de uma análise das preposições, podemos explorar as diversas formas de manifestação do Espírito Santo e reinterpretar os momentos e intervenções salvíficas na história.

2. AS PREPOSIÇÕES DO ESPÍRITO SANTO NO ANTIGO TESTAMENTO

2.1 O ESPÍRITO SANTO NA CRIAÇÃO

Podemos constatar por intermédio das Sagradas Escrituras, que a ação pneumatológica se estabelece desde a criação conforme está registrado no livro do Gênesis. Gn 1,2 “Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus agitava a superfície das águas.”

O professor Luiz Fernando Ribeiro Santana, em sua obra “Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência”, destaca a importância do Espírito Santo na obra da criação. Ele argumenta que o Espírito Santo não é apenas um elemento da Trindade, mas também um agente ativo na criação e na transformação do mundo. O autor enfatiza que o Espírito Santo é o “sopro de Deus” que dá vida e movimento ao

¹ Referência:

ROZIANE KEILA GRANDO. “A semântica na Bíblia: um estudo dos significados de palavras bíblicas.” Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, 2014. Disponível em:

https://sguweb.unicentro.br/app/webroot/arquivos/atsubmissao/SGU_Lenk_14.pdf. Acesso em: 30 nov. 2024.

universo, e que sua presença é essencial para a renovação e a santificação da criação.

“No contexto do antigo pacto, o substantivo *rua* é um dos mais importantes e recorrentes; ali ele aparece em torno de 378 vezes (Lambiasi, 1987: 30). O termo espírito (do latim *spiritus*, do gênero masculino) é traduzido no grego por *Pneûma* (do gênero neutro), o qual, por sua vez, corresponde ao termo hebraico *Ruah* (do gênero feminino). *Ruah* aparece algumas vezes nos livros históricos mais antigos (como Juízes e I Samuel), quase nunca no profetismo do século VIII d.C. e com bastante intensidade na obra exílica e pós-exílica, o que pode ser verificado pela relação que adiante fornecemos.”²

O texto de Gênesis 1,2 destaca que desde o início da criação, o “sopro de Deus” estava presente, agindo sobre o caos inicial da criação. O Espírito movia-se sobre os potenciais ameaças enquanto Deus preparava a vida. Esse movimento do “sopro de Deus” revela a ativa participação da “*Ruah*” na criação, uma ação verdadeiramente trinitária entre a *Ruah* e o “Dabar”, como os dois braços de Deus na obra criativa. Enquanto o *Dabar* cria, a *Ruah* paira “sobre” aquilo que foi criado.

O professor Luiz Fernandes descreve: “A *ruah* criativa de *lahweh* aparece no relato bíblico – na segunda parte de Gn 1,2 – “pairando”, “esvoaçando” e “adejando” sobre o caos primordial. Com isso, parece que o autor bíblico deseja nos fornecer a imagem de uma ave que paira sobre a sua ninhada a fim de incubá-la e gerar a vida. Com efeito, o termo hebraico “*merahfet*” sugere a ideia de incubar ou cobrir com as próprias asas, o que é próprio das aves. Analogamente é como se a *ruah Elohim* adejasse sobre o caos primordial a fim de chocá-lo com a sua energia amorosa, extraíndo dali a vida.”³

“De acordo com a analogia do sopro e da voz pode-se mesmo dizer que as palavras criadoras especificam e definem, mas que elas são proferidas no mesmo sopro, de modo que todas as criaturas são chamadas à vida pela mesma *ruah*, e que esta constitui a comunhão de todas elas na criação. A palavra masculina (*dabar*) e a força feminina (*ruah*) necessariamente se completam.”⁴

² **SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência. Editora [Puc-Rio], 2024. P. 20.

³ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência. Editora [Puc-Rio], 2024. P. 25.

⁴ MOLTSMANN, Jürgen. O Espírito da vida: uma pneumatologia integral; Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 1999. P. 50.

Assim como as asas das aves protegem, guiam e sustentam seus filhotes, o Espírito Santo, ao pairar “sobre” o abismo na criação, representa a proteção, a presença ativa de Deus. Este ato de pairar demonstra o cuidado e a ordem trazidas ao caos inicial, além de marcar o início da vida e da criação sob o cuidado constante de Deus.

O movimento constante das asas representa dinamismo e vida, refletindo como o Espírito Santo traz energia vital à criação, transformando o caos em ordem. A ação de pairar também sugere estabilidade e tranquilidade, indicando que o Espírito Santo traz paz ao caos primordial. Além disso, as asas de uma ave, ao iniciar e sustentar a vida dos filhotes, simbolizam o Espírito Santo como a origem e sustentação da vida, demonstrando o poder criativo de Deus. Essas comparações ajudam a entender o papel do Espírito Santo na criação, destacando sua importância como agente de proteção, vida e ordem divina.

Por meio dessa analogia, é possível observar que o papel do Espírito na criação não apenas é ativo, mas também revela um imenso cuidado de Deus com sua obra. Não se trata apenas de cuidado, mas sim da sustentabilidade que o Espírito proporcionou na ação criadora de Deus. O movimento do Espírito, em comunhão trinitária, é uma antecipação da mesma comunhão que existiria entre a trindade e a aliança com a nação de Israel.

2.2 A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NO ANTIGO TESTAMENTO

“Segundo a coerência da pedagogia divina inscrita na revelação bíblica em sua totalidade – Antigo e Novo Testamento -, devemos recordar que o modo de agir de Deus, ao longo de toda a economia salvífica, sempre foi uni trinitário e, por conseguinte, todas as suas ações (*actio Dei*) na história não podem deixar de ter um cunho e um timbre que manifestem essa unitrinitariedade (embora no Antigo Testamento não haja uma consciência humana disso). Um dado ainda presente nessa pedagogia é a unidade, a continuidade e a atualidade da história da salvação; e é fundamental enfocar a totalidade da revelação que Deus faz de si mesmo aos homens a partir desse tríplice dimensão da História *Salutis*, não perdendo de vista em momento algum a motivação pneumática que a torna possível.”⁵

⁵ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência. Editora [Puc-Rio], 2024. P. 32/33.

“Os acontecimentos históricos que Israel lê e experimenta nos livros sagrados são caracterizados por dois distintivos básicos: são contínuos e sempre atuais. Cada fato histórico é, pois, como um movimento iniciado no tempo que, ulteriormente, se desenvolve e ecoa através de todo o plano salvífico, atraindo, em sua potência dinâmica, os fatos e as gerações seguintes. Esta concepção corresponde a uma atitude típica da leitura e da hermenêutica dos profetas.”⁶

Ao considerar a presença e a atuação do Espírito Santo na aliança salvífica descrita no Antigo Testamento, é essencial tomar o profetismo em Israel como paradigma. Refletir sobre a ação do Espírito Santo no contexto dessa aliança requer uma análise detalhada do papel desempenhado pelos profetas. A revelação de Deus a Israel, em um movimento inicial de caráter soteriológico e salvífico, teve início com Israel no Antigo Testamento.

2.3A PRESENÇA DO ESPÍRITO NAS PROFECIAS DO ANTIGO TESTAMENTO

No livro “ Mensageiros de Deus: Profetas e Profecias no Antigo Israel”, a professora Maria de Lourdes Corrêa Lima descreve o profetismo em Israel como uma instituição central para a vida espiritual e social do povo de Deus. Os profetas eram indivíduos especialmente chamados por Deus para transmitir Suas mensagens, atuando como intermediários entre Deus e o povo. O profetismo envolvia uma profunda experiência de Deus, onde os profetas recebiam revelações divinas e eram encarregados de comunicar a vontade divina, frequentemente em momentos de crise ou necessidade de reforma moral e espiritual. Eles desempenhavam um papel crucial na orientação e correção do povo de Israel, frequentemente chamando à fidelidade à aliança e denunciando injustiças.

“Figuras proféticas aparecem em diversos livros do Antigo Testamento

Figuras proféticas aparecem em diversos livros do Antigo Testamento. O livro dos Juízes menciona a profetisa Débora (cf. Jz 4,4-5); os livros de Samuel e dos Reis falam dos profetas Samuel, Natan, Miqueias, Jonas (cf. 2Sm 7,1-2; 12,1;

1Rs 22,7-8; 2Rs 14,25), de Elias e Eliseu (cf. 1Rs 17-19; 21,17-

28; 2Rs 1,3-2,12; 2,13-8,15; 9,1-15; 13,14-21) e da profetisa Hulda (cf. 2Rs 22,14).”

⁶ MAGRASSI, M. Viver a palavra. São Paulo: Paulinas, 1984. P. 15.

“Outras figuras recebem maior destaque, de modo que livros inteiros são colocados sob sua autoridade (Isaías, Jeremias, Amós...). A Bíblia Hebraica? Classifica como livros “proféticos” não somente estes últimos, mas também aqueles escritos que, referindo-se à história israelita, mencionam importantes profetas ou relatam acontecimentos não como crônica histórica, no sentido moderno do termo, mas como comunicação do plano e da palavra de Deus e, nesse sentido, dentro de uma perspectiva profética.”

“Para a Bíblia Hebraica, os “Livros proféticos” são, a partir daí, divididos em duas categorias:

- Profetas anteriores: livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis;
- Profetas posteriores: Isaías, Jeremias, Ezequiel e os Doze Profetas (Oseias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias).⁷

A preposição “sobre” em Isaías 61,1 é significativa teologicamente, pois indica a presença e a ação do Espírito Santo “sobre” o profeta. Esta preposição sugere que o Espírito Santo não está apenas próximo ou dentro do profeta, mas que Ele está ativamente envolvido e presente em sua vida e ministério. Essa expressão destaca a ideia de que o profeta é um instrumento através do qual Deus atua.

O Espírito Santo dá autoridade, poder e direção ao profeta, permitindo que ele execute a missão divina de trazer esperança, cura e liberdade ao povo. Além disso, essa preposição também ressalta a ideia de que o Espírito Santo é o agente que capacita o profeta a cumprir sua função, reforçando a dependência do profeta na graça e na força divina.

A preposição “em” em Ezequiel 37:14 é teologicamente relevante porque indica a imersão e a presença contínua do Espírito Santo dentro do povo de Israel. A passagem diz: “E porei o meu Espírito “em” vós, e vivereis, e vos colocarei **na** vossa terra; e sabereis que eu, o Senhor, o disse e o fiz, diz o Senhor” (Bíblia de Jerusalém, 2024). Essa expressão sugere que o Espírito Santo não está apenas próximo ou sobre o povo, mas que Ele habita dentro deles, trazendo vida e capacidade para obedecer aos mandamentos de Deus.

⁷ CORRÊA LIMA, Maria de Lourdes. Mensageiros de Deus: profetas e profecias no antigo Israel. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. P.29

“Segundo a teóloga Maria de Lourdes Corrêa Lima, no livro” Mensageiros de Deus: Profetas e Profecias no Antigo Israel”, essa imersão do Espírito Santo é fundamental para a restauração espiritual e nacional de Israel. A presença do Espírito Santo é o que dá vida espiritual e transformação ao povo, permitindo que eles vivam de acordo com os estatutos de Deus.”⁸

2.4 A PRESENÇA DO ESPÍRITO DE DEUS EM ISRAEL

“Novo culto anunciado pelos profetas só se torna possível porque, ao acolher a Palavra de Deus no fundo do coração, o israelita do exílio tem consciência de que acolhe também o Espírito de Deus, fonte geradora e renovadora da vida. Isso pode ser verificado na teologia de Jeremias e Ezequiel. O profeta Ezequiel, por exemplo, anuncia o dom de um coração novo que se torna capaz de acolher o Espírito de Deus e a sua Palavra (of. Ez 11,19; 36,26-27). Na Palavra, é concedido o Espírito e da Palavra feita Espírito brota o novo culto de Israel, uma vez que é também função da Palavra comunicar o Espírito ao culto.”

“Nesse sem-tido, podemos falar de uma pneumatologia do culto no Antigo Testamento em que a Palavra é, ao mesmo tempo, “pneumató—fora” (a Palavra como portadora do Espírito) e “pneumatizante (a Palavra na sua função de transmitir o Espírito). Sem dúvida alguma, tudo isso nos projeta para a revelação plena do Espírito Santo no dia de Pentecostes. Naquela ocasião, a Igreja nasce para celebrar no Espírito, viver da Palavra e testemunhar a Palavra na potência do Espírito.”⁹

O profeta é aquele que proclama, denuncia e vive a palavra de Deus. Ele é chamado e vocacionado para transmitir os oráculos divinos. Esta missão, sendo bastante árdua, requer o auxílio constante do Espírito Santo para que suas tarefas sejam executadas. As palavras pronunciadas pelo profeta não são suas, mas são concedidas por intermédio do Espírito Santo. É na força do Espírito Santo que o profeta cumpre sua missão.

“Assim, no Antigo Testamento, o Espírito Santo é uma força dinâmica de poder e majestade, uma força que visa constituir o domínio religioso e moral. É o Espírito que repousará sobre o Messias (Is 11,2), que atuará no Servo de Javé para que este

⁸ CORRÊA LIMA, Maria de Lourdes. Mensageiros de Deus: profetas e profecias no antigo Israel. 1. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012. BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2024.

⁹ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência. Editora [Puc-Rio], 2024. P. 60

leve às nações a verdadeira religião (Is 42,1), que transformará o coração humano e o povo, de coração de pedra em coração de carne, de povo rebelde em comunidade voltada para Deus (Ez 36,26-27). Ele é também uma potência criadora, pela qual Deus cria, conserva e sustenta toda a obra da natureza (Gn 1,2; Jó 33,4). Ele é o Espírito suscitador de chefes carismáticos, sejam eles juizes, como Otoniel, Jefté, Gedeão e Sansão, sejam eles reis, como Saul e Davi, todos eles personagens desconhecidos que, sob a força do Espírito de Deus, tornaram-se chefes, homens que ganharam assistência especial em vista do bem do povo, grandes líderes, homens salvadores. Ele é o Espírito que se manifesta na atividade e na pessoa dos profetas, homens que recebem uma força divina que os torna aptos para cumprir a vontade de Deus, para proferir o juízo de Deus sobre a realidade política e religiosa do povo, para anunciar as ameaças e as bênçãos de Deus sobre a nação (Is 61,1-4; Jr 31,31; 32,38-40).”¹⁰

Em conclusão, podemos destacar que a ação do Espírito Santo no Antigo Testamento não se trata apenas de uma mera participação coadjuvante, mas sim de um protagonismo visível. Cada preposição traduzida nos textos bíblicos nos revela a proximidade do Espírito Santo na história da humanidade. Desde a criação até a libertação de Israel, da conquista da terra prometida até a monarquia, e do cativeiro até a libertação, a ação pneumatológica é claramente evidenciada. O Espírito Santo não apenas cobre, mas também auxilia, fortalece, direciona e consola em todos os momentos cruciais.

Por essa razão, é imprescindível reconhecer e valorizar a ação do Espírito Santo. O “sopro de Deus”, que pairava sobre as águas na criação, continua a agir nos quatro cantos do mundo, gerando vida e proporcionando a conexão entre a criatura e o Criador. O Antigo Testamento oferece apenas uma prévia dessa ação divina, que perdura através dos séculos e continuará até a consumação do mundo.

Ao longo do Antigo Testamento, é possível perceber que o Espírito Santo não se faz apenas presente, mas atua com intencionalidade e profundidade, revelando-se em diferentes formas e preposições que indicam sua constante proximidade, influência e poder transformador. Desde a criação até o exercício profético, sua presença é dinamizadora, inspiradora e sustentadora, revelando o caráter trinitário de Deus em cada etapa da história da salvação. No entanto, toda essa manifestação

¹⁰ BINGEMER, Maria Clara L.; FELLER, Vitor Galdino. Deus, Trindade: a vida no coração do mundo. 6. Ed. São Paulo: Paulinas, 2003. P.98

ainda aponta para uma plenitude que estava por vir. Desse modo, ao encerrarmos a reflexão sobre o Espírito no Antigo Testamento, somos naturalmente conduzidos a contemplar sua revelação no Novo Testamento, onde sua atuação se intensifica e se torna mais pessoal e acessível, especialmente através da encarnação, do ministério de Jesus e do derramamento no Pentecostes.

3. PREPOSIÇÕES DO ESPÍRITO SANTO NO NOVO TESTAMENTO

3.1 A PRESENÇA DO ESPÍRITO NA ENCARNAÇÃO

A Pneumatologia neotestamentária, apresenta o Espírito Santo por intermédio dos evangelistas de formas individuais. Desde os primórdios da criação, o Espírito de Deus desempenha um papel fundamental nas Escrituras. No Antigo Testamento, Ele pairava sobre as águas caóticas, infundindo vida e ordem. Capacitava profetas, juízes e reis para cumprir missões extraordinárias.

No Novo Testamento, Jesus, o Messias, é ungido pelo Espírito, inaugurando o tempo escatológico da salvação. O Pentecostes marca o derramamento do Espírito sobre os discípulos, capacitando-os para a missão de evangelização. O objetivo desse estudo é buscar no Novo Testamento, especialmente no Evangelho segundo escreveu Lucas, as preposições “com”, “sobre”, “em” e “no” Espírito Santo.

Segundo a professora Lina Boff; “Com relação ao Evangelho, observa-se que Lucas faz uso da designação espírito de Deus o triplo de vezes mais que Marcos. Com relação ao Livro dos Atos, o emprego do termo pneuma como espírito de Deus é o mais frequente de todo o Novo Testamento. Somente na primeira seção dos Atos, que corresponde aos capítulos 1 a 12, encontra-se 37 vezes o uso da palavra pneuma como espírito; na segunda seção, correspondente aos capítulos 13 a 28, Lucas emprega a palavra pneuma em 18 citações.

No âmbito deste quadro, a teologia lucana emprega o termo pneuma para designar a ação do espírito de Deus em Jesus como pessoa. Para falar da ação desse mesmo Espírito doado no dia de Pentecostes aos apóstolos e às mulheres reunidas em Jerusalém, como da ação do Espírito nas comunidades nascidas a partir deste evento, a teologia lucana emprega simplesmente o termo Espírito.”¹¹

¹¹ BOFF, Lina. Espírito e Missão na Obra de Lucas: Atos. São Paulo: Editora Paulus, 2005. P. 25-26

ação pneumática do Espírito é amplamente evidenciada no evangelho de Lucas. Desde o início, podemos observar que, assim como no relato da criação, o Espírito Santo está ativo no Novo Testamento. Isso é claramente demonstrado em Lucas 1,26-28 “No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem que se chamava José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. Ao entrar, o anjo disse-lhe: ‘Alegra-te, cheia de graça! O Senhor está *contigo*.’”

A palavra “contigo” é uma contração resultante da combinação da preposição “com” e do pronome pessoal oblíquo “ti”. Esta contração é utilizada para denotar companhia ou associação em um contexto de segunda pessoa, singular e informal. A utilização de “contigo” em vez da expressão plena “com ti” ocorre para suavizar a pronúncia e fornecer fluidez ao discurso, além de estar em conformidade com as normas gramaticais da língua portuguesa.

Lucas 1,34 “E disse Maria ao anjo: ‘Como será isto, se eu não conheço varão?’” “Aqui, nesta resposta dada por Maria ao próprio Deus que entra em diálogo com ela através de uma teofania – o anjo -, ela nos dá a conhecer o modo de ser feminino e masculino de Deus com relação à pessoa humana. A concepção de um ser humano não pode ser contribuição nem só da mulher e nem só do homem, mas da mulher e do homem juntos. A fala de Maria, que objeta sobre o modo como isso se dará nela, nos leva a repensar e reimaginar a imagem de Deus que recebemos e, todavia, continuamos alimentando”¹²

A saudação do anjo Gabriel a Maria marca o início de uma nova aliança, evidenciando que a presença de Deus estava com Maria. Esse evento sinaliza um ponto crucial na narrativa bíblica, pois demonstra a escolha divina de Maria como a mãe do Salvador, em cumprimento das promessas messiânicas do Antigo Testamento.

Não foi Maria que tomou a iniciativa de buscar a Deus, mas sim, Deus se apresentou a ela, mostrando a soberania e a graça divina em ação. Essa manifestação divina ressalta a característica proativa de Deus em sua relação com a humanidade, evidenciando que o chamado e a eleição divina não dependem do esforço humano, mas sim da vontade e do propósito de Deus.

¹² JOHNSON, E.A. Aquela que É – O mistério de Deus no trabalho teológico feminino. Petrópolis: Vozes, 1995. P.93

A ação do anjo Gabriel ao trazer a mensagem a Maria não é apenas um ato isolado, mas uma confirmação de que antes mesmo da concepção de Jesus, o Espírito Santo já estava operando. Esse movimento prévio do Espírito Santo garante a capacitação divina para a missão que Maria iria cumprir. Assim, a presença do Espírito Santo com Maria é um testemunho da preparação e da ajuda divina contínua, assegurando que ela estaria devidamente equipada para a tarefa monumental de trazer ao mundo o Filho de Deus. Portanto, essa narrativa não só destaca a centralidade de Maria no plano de salvação, mas também sublinha a iniciativa de Deus e a presença constante do Espírito Santo na vida dos escolhidos.

3.2 O ESPÍRITO DE DEUS EM JESUS SEGUNDO LUCAS

“Inaugurando a nova aliança, é em Jesus que Deus pode, enfim, levar à plenitude o seu desígnio de salvar e renovar todos os homens. Jesus abre aos homens e à história o caminho para a releitura e a realização plena das promessas messiânicas. Sob essa luz, os apóstolos interpretaram os textos proféticos acerca da ruah que repousaria *sobre* o Messias, reconhecendo em Jesus o descendente de Davi dotado da plenitude do Espírito do Senhor.”

“Reconhecem, da mesma forma, que a efusão pneumática, objeto da antiga promessa, é agora destinada a todos os povos: essa é, de fato, para vós, assim como para os vossos filhos e para todos aqueles que estão longe, todos quantos foram chamados por Deus nosso Senhor” (At 2,39).¹³

O batismo de Jesus nos traz a confirmação de que o Espírito Santo sempre está com aqueles que escolhem passar pelas águas purificadoras do batismo, pois o evangelista é categórico ao dizer: “Ora, tendo todo o povo recebido o batismo, e no momento em que Jesus, também batizado, achava-se em oração, o céu se abriu e o Espírito desceu sobre ele em forma corporal, como pomba. E do céu veio uma voz: “Tu és meu Filho; eu, hoje, te gerei.” Lucas 3,21-22.

A descida do Espírito só se deu após o batismo, em um ato de confirmação a filiação do Cristo, sendo uma confirmação na vocação messiânica de Jesus. O Espírito é aquele que confirma a missão, não só apenas confirma, mas auxilia constantemente no percurso. A unção do Espírito na vida do batizado o conduz ao propósito de Deus,

¹³ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência. Editora [Puc-Rio], 2024. P. 75-76

visto que o evangelho de Lucas enfatiza a ação do Espírito através dos anúncios de Jesus. Aquele que anuncia é porque foi enviado, não anuncia por sua própria escolha, mas foi separado, preparado e fortalecido para o fazer. A missão como anúncio em Lucas, está relacionada aos seguidores de Jesus. Uma vez que Jesus recebeu unção do Espírito para anunciar a palavra de Deus, Ele também concedeu a mesma unção aos seus discípulos (Lc 9, 1-25.)

“Jesus é o homem do Espírito que realiza o plano salvífico do Pai no meio de seu povo. A partir desta concepção pode-se falar de uma pneumatologia que encontra suas origens na vida e na missão de Jesus. Desde as origens, Jesus foi concebido por obra do Espírito e, com o batismo, faz sua experiência do Espírito: por isso pode dar início à missão desse Espírito e falar aos seus seguidores da força do Espírito da verdade no trabalho do Reino de Deus.”¹⁴

“O querigma primitivo que nos chega através dos Atos dos Apóstolos transmite-nos em forma de testemunho a chegada do Messias-Jesus e, com ele, o tempo da efusão do Espírito do Senhor, tempo tantas vezes predito pelos profetas. Essa fusão, relida a partir da ótica veterotestamentária, caracteriza claramente a chegada dos “últimos tempos”, isto é, do tempo da plena realização das promessas de Deus ao seu povo.”¹⁵

“Com o evento “Cristo”, abre-se a estrada para uma leitura dos textos messiânicos da Escritura veterotestamentária. O próprio Jesus, na sinagoga de Nazaré, no contexto de uma assembleia sinagoga sabática, aplica a si e à sua missão o trecho profético do Trito-Isaías, referindo-se ao Espírito que estava *sobre* o profeta-messias (Lucas 4,16; Isaías 61,1). Para o messias ser reconhecido como autêntico profeta é condição essencial que sobre ele repouse o Espírito do Senhor. Segundo a corrente messiânica presente na teologia lucana, o profeta-messias era ainda identificado como o servo de *lahweh*, o qual deveria também receber a consagração do Espírito, a fim de que pudesse levar a Torah às nações.”¹⁶

O Evangelho segundo Lucas estabelece um paralelo significativo com o profeta Isaías, corroborando a missão de Jesus Cristo e sua unção pelo Espírito Santo.

¹⁴ BOFF, Lina. Espírito e Missão na Obra de Lucas: Atos. São Paulo: Editora Paulus, 2005. P. 100

¹⁵ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência. Editora [Puc-Rio], 2024. P.76.

¹⁶ KOCH, R. “Le Christ et l’Esprit du Seigneur selon Luc 4, 18-19”. Nouvelle Revue Théologique 115 (1993), p. 877-885.

Observamos aqui a imperativa necessidade da presença do Espírito Santo na missão redentora, pois a mesma *ruah* que pairava *sobre* o caos primordial da criação é aquela que atesta a unção de Cristo.

Lucas, em sua narrativa, confere particular ênfase aos pobres e oprimidos, que encontrarão libertação através do Messias prometido. O destaque ativo do Espírito Santo desde o início da vida de Jesus. No batismo de Jesus, o Espírito desce sobre Ele em forma de pomba, simbolizando a aprovação divina e o início de sua missão messiânica. A presença contínua do Espírito Santo em Jesus é evidenciada em suas ações e ensinamentos, demonstrando que Ele age com a autoridade e o poder divino.

“Na pessoa de Jesus, o espírito de Deus encontra sua morada estável e com ele entra em plena relação pessoal. Nesta perspectiva, a da relação de Jesus com o Espírito, que é parte da grande tradição bíblica em Lucas, a unidade de Deus, do Espírito e de Jesus fica suficientemente destacada. A missão do Ungido do Senhor assume um significado que encontra sua origem primigênia na atuação do próprio espírito de Deus.”¹⁷

3.3 O ESPÍRITO SANTO E A MISSÃO DA IGREJA

“No Evangelho de Lucas não está explicitado que os seguidores de Jesus tivessem recebido a unção do Espírito Santo, senão a partir do evento Pentecostes. Toda a pneumatologia do Novo Testamento tem como centro o espírito de Deus enquanto princípio dinâmico de operação e assume a mesma concepção do Antigo Testamento.”

“Ao enviar em missão os Doze e os Setenta, Jesus lhes dá a certeza de que terão a força do Espírito Santo, o qual lhes ensinará o que fazer e o que dizer diante das acusações, perseguições e dificuldades de toda espécie enfrentadas por causa do Reino de Deus (Lc 12,10-12). Esta é a única citação explícita que o evangelista faz sobre o Espírito Santo aos Doze e aos Setenta antes de sua morte. Apresenta-o como Mestre dos missionários, aqu’Ele que ensina no momento preciso: “O Espírito Santo vos ensinará aquilo que deveis dizer” (Lc 12,12).”¹⁸

“Traço típico da pneumatologia lucana é a ênfase dada aos efeitos visíveis da presença e da ação do Espírito na história da salvação. Jesus, ao longo de todo o seu

¹⁷ BOFF, Lina. Espírito e Missão na Obra de Lucas: Atos. São Paulo: Editora Paulus, 2005. P.99.

¹⁸ BOFF, Lina. Espírito e Missão na Obra de Lucas: Atos. São Paulo: Editora Paulus, 2005. P.99

ministério público, sempre viveu e atuou sob a moção do Espírito, conforme ele mesmo afirma na abertura programática de seu ministério na Galileia (Lc 4,18). Após a sua exaltação à direita do Pai, Jesus recebe o Espírito Santo, “objeto da promessa”, e o efunde sobre a sua Igreja (At 2,33). Assim é que o pneûma caracteriza o tempo da Igreja, que é o tempo da irradiação em todo o mundo do anúncio salvífico e da realização plena do desígnio de Deus na história.”

“Na teologia lucana, a pneumatologia está a serviço da cristologia e da eclesiologia; isso se comprova quando verificamos a atuação dinâmica do Pneuûma na comunidade primitiva. A Igreja nascente apresenta-se como a extensão da presença do Ressuscitado na história. A todo instante, ela gravita em torno do Espírito de Cristo, vivendo e agindo sob a sua influência.”¹⁹

Desde o Pentecostes (Atos 2), *no* Espírito Santo é apresentado como o doador de poder e coragem aos apóstolos, capacitando-os para a missão universal. Esta manifestação inaugural é um cumprimento das promessas do Antigo Testamento e de Jesus (Lucas 24,49; Atos 1,8), marcando a transição do ministério de Jesus para a obra da Igreja. A descida no Espírito é acompanhada por sinais visíveis, como as línguas de fogo e o fenômeno das línguas, assinalando a criação de um novo povo de Deus, unido na diversidade (Atos 2:1-4).

O Espírito de Pentecostes e a palavra dos apóstolos dão início à nova comunidade cristã. Esta se caracteriza pela sua abertura às dimensões da humanidade sem distinções de sexo, raça e cultura. Dentro da concepção de comunidade aberta ao Espírito e ao mundo, a melhor garantia da universalidade da missão é a iniciativa gratuita e livre do Espírito em favor de todos os povos. Só o Espírito promove, na liberdade, novas relações e cria novos espaços alternativos de comunicação.²⁰

No Espírito, constantemente atuando nos apóstolos, dirigindo decisões missiológicas, como na escolha de Matias (Atos 1:24-26), essencial para a unidade dos “doze” e reflexo da guia no Espírito. Além disso, no Espírito capacita Pedro e João, transformando-os de homens temerosos em valentes pregadores (Atos 4:8, 31). O controle soberano *no* Espírito é visível também em atos de julgamento e purificação da comunidade, como no caso de Ananias e Safira (Atos 5:1-11).

¹⁹ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência. Editora [Puc-Rio], 2024. P.112

²⁰ BOFF, Lina. Espírito e Missão na Obra de Lucas: Atos. São Paulo: Editora Paulus, 2005. P.117

“No quadro do cumprimento das profecias veterobíblicas, Lucas circunscreve e apresenta o evento de Pentecostes. Doravante, pela presença efetiva do Espírito de Deus, graças à ressurreição de Jesus dentre os mortos, todos os crentes podem atingir a profissão de fé no Cristo Senhor. O mesmo vale para a eclesiologia lucana.

Segundo os Atos dos Apóstolos, o Espírito Santo é o princípio dinâmico do testemunho que possibilita e garante a expansão missionária da Igreja.”

“O Espírito derramado em Pentecostes, portanto, é Espírito pascal e sopro do Ressuscitado, força geradora de experiência de vida e de testemunho. Nessa perspectiva, “Páscoa-Ascensão-Pentecostes” assinala três aspectos integrantes de um mesmo acontecimento: o Mistério Pascal, cujo ápice é o dom do Espírito que inaugura os “últimos tempos”.

“O Espírito Santo mostra-se, no livro dos Atos, como aquele que deve continuar, no tempo escatológico da história salutis, a obra salvífica consumada por Jesus. Essa obra, sem dúvida, foi confiada à Igreja e aos homens de boa vontade. Neles e por meio deles, o Espírito Santo permanece como sujeito e protagonista transcendente da realização do projeto salvífico de Deus na história e no mundo.”²¹

3.4 O CULTO EM ESPÍRITO E VERDADE

“Na igreja dos apóstolos parece ter havido uma viva consciência da necessidade reacional que cada crente e o corpo dos fiéis deveriam travar com a pessoa do Espírito Santo. Tratava-se, efetivamente, de uma experiência de relação, sem a qual o batizado não poderia se sustentar. A partir da experiência de Pentecostes, a Igreja estava certa de ter sido gerada maternalmente por Deus na fecundidade de seu Espírito.”

“Pedro, em seu primeiro e solene discurso após Pentecostes (At 2,14-36), não titubeia em proclamar que a extraordinária efusão do Espírito de Deus que a comunidade dos crentes estava experimentando era o pleno cumprimento de toda a profecia veterotestamentária, em particular quando cita um trecho do profeta Joel: “Sucederá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne.”

²¹ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência. Editora [Puc-Rio], 2024. P.114

“Vossos filhos e vossas filhas hão de profetizar, vossos jovens terão visões e vossos velhos hão de ter sonhos” (At 2,17). A comunidade pós-pentecostal considerava de suma importância a presença e a ação do santo Pneûma na existência e na missão da Igreja. Desde cedo, ele foi percebido como o agente responsável em dar continuidade às magnalia Dei operadas no povo da primeira aliança e que tiveram seu clímax no Mistério Pascal de Cristo.”

“Constituindo a Igreja em Pentecostes, o Espírito Santo a acompanha permanentemente, gerando e formando o Cristo em seus membros. A Igreja, como o “Corpo pneumatizado” do Ressuscitado, é o locus em que cada crente é chamado a experimentar e a testemunhar o Cristo transfigurado na fulgurante luz de seu Espírito, sobretudo através dos sacramentos da fé.²²”

“A temática do culto a partir da teologia bíblica é um tópico central deste trabalho. O culto “*em* Espírito e Verdade” segundo o Evangelho de João se mostra, portanto, de extrema importância. Sendo assim, ao analisar a composição e a estrutura do Quarto Evangelho não se pode ignorar a grande sensibilidade de João no que concerne aos temas do culto e dos sacramentos.

Isso poderia ser comprovado na forte ênfase que esse Evangelho dá às festas litúrgicas judaicas, como é o caso da Páscoa (Jo 2,13; 11,55; 12,1;13,1), da festa das Tendias (Jo 7,2) e da dedicação do templo (Jo 10,22). Importante seria também verificar que o mistério da pessoa de Jesus e o seu ministério público – cuja meta é revelar o Pai – inserem-se nesse mesmo contexto; o que não deixa também de ter ainda uma grande relevância eclesiológica.”²³

Quando falamos sobre adoração “*em Espírito*”, estamos tocando naquilo que é essencial na fé cristã. Não se trata apenas de seguir rituais ou cerimônias, mas de uma conexão sincera e profunda com Deus. É deixar que nossa fé e devoção fluam de dentro para fora, movidos pela presença do Espírito Santo em nossa vida.

O culto “*em Espírito*” também fortalece a comunidade de fé. Quando nos unimos em adoração autêntica, criamos um ambiente onde a fé de cada um encoraja e sustenta a fé dos outros. Há uma unidade e uma beleza na adoração comunitária que refletem o próprio amor de Deus.

²² SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência. Editora [Puc-Rio], 2024. P.119

²³ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência. Editora [Puc-Rio], 2024. P. 151

Assim, a dimensão da adoração “*em Espírito*” nos lembra que a verdadeira adoração vai além das palavras e gestos exteriores. É um mergulho profundo na presença de Deus, uma entrega total e sincera que nos conecta ao divino de uma maneira que transforma nossa vida.

“O que é o culto em “Espírito e Verdade” segundo a teologia do Quarto Evangelho? A resposta pode ser encontrada no diálogo entre Jesus e a mulher samaritana, particularmente na terceira e última seção desse diálogo, ou seja, Jo 4,20-26, objeto central do nosso interesse. O diálogo entre o Verbo encarnado e a samaritana articula-se em três partes distintas.”

“Na primeira parte do diálogo (Jo 4,10-15), Jesus se manifesta à samaritana como o revelador do “dom de Deus” e o doador da “Água viva”, a única capaz de saciar totalmente e para sempre a sede do homem; coisa impossível de ser realizada pela água do poço de Jacó. Nesse sentido, Jesus se mostra como aquele que leva a termo a revelação veterobíblica, apresentando-se, ao mesmo tempo, como o revelador escatológico, por meio do qual a revelação definitiva de Deus chega aos homens.”

“Diante da declaração de Jesus, notamos o maravilhamento da mulher, expresso em seu pedido: “Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede nem tenha mais de vir aqui para tirá-la” (Jo, v. 15). Num segundo momento do diálogo (Jo 4,16-19), após ter “capturado” a sua interlocutora, nela suscitando estupor, Jesus revela-se como um profeta que conhece os mais íntimos segredos do homem: “Falaste bem: não tenho marido, pois tiveste cinco e o que agora tens não é teu marido; nisto falaste a verdade (Jo, v. 18).”²⁴

“Os livros joaninos dão testemunho de uma comunidade que vive essencialmente uma experiência espiritual, liberta do Judaísmo e da lei. Comunidade mais tardia e mais madura, em um contexto bem posterior aos outros do Novo Testamento, a comunidade joanina já possui a distância histórica necessária para perceber que o Espírito é a sua fonte de vida por excelência.”²⁵

“Com a inauguração da “plenitude dos tempos” (Gl 4,4), o *eschaton* irrompe na história. A partir de então, Deus passa a estabelecer a sua morada entre os homens

²⁴ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência. Editora [Puc-Rio], 2024. P. 152-153

²⁵ BINGEMER, Maria Clara L.; FELLER, Vitor Galdino. Deus, Trindade: a vida no coração do mundo. 6. Ed. São Paulo: Paulinas, 2003. P. 102

através da “Verdade”, que nos comunica o Espírito; o Espírito, por sua vez, é quem nos faz entrar em comunhão com a “Verdade”.

“O Espírito e a “Verdade”, segundo a promessa de Jesus, passarão a agir nos “verdadeiros adoradores”; aqueles que o Pai, desde sempre, procurou na borda dos poços da história. “Dá-me de beber” (Jo 4,7); “Tenho sede” (Jo 19,28): com essas enfáticas confissões, Jesus expressa com intensidade a “sede” de Deus pelo homem, sobretudo quando este, esquecendo-se de sua fonte e de seu destino, insiste em cavar para si cisternas fendidas, incapazes de reter água (Jr 2,13).”²⁶

Podemos concluir que somente através do Espírito Santo conseguimos realizar uma verdadeira adoração. O cumprimento da promessa feita por Jesus nos proporciona a oportunidade de obter uma plena comunhão com Deus. Ao esvaziar-nos de todo nosso eu, de nossas vontades e concepções, entramos no ambiente de adoração, e esse momento é selado pela presença do Espírito Santo operando em nossas vidas.

Essa comunhão espiritual é fundamental para uma experiência de fé autêntica, pois nos permite transcender as limitações humanas e nos conectar profundamente com o divino. A verdadeira adoração, portanto, é um ato de entrega total e sincera, onde o Espírito Santo nos guia e transforma, moldando-nos à imagem de Cristo.

Ao refletirmos sobre a importância do culto “*em Espírito*”, percebemos que ele nos convida a uma vivência de fé mais profunda e significativa. Não se trata apenas de seguir rituais, mas de permitir que o Espírito Santo conduza cada aspecto de nossa adoração e vida diária. Assim, somos continuamente renovados e capacitados a viver de acordo com a vontade de Deus, manifestando Seu amor e graça em nossas ações e relações.

Ao longo do Novo Testamento, o Espírito Santo revela-se como o protagonista da nova aliança, atuando de forma intensa e pessoal desde a encarnação de Jesus até a formação da Igreja e o culto espiritual dos crentes. As preposições “com”, “sobre”, “em” e “no” não apenas marcam a presença do Espírito, mas expressam sua íntima relação com os fiéis e sua ação transformadora em todas as dimensões da fé cristã. O Espírito que ungiu Jesus, capacitou os apóstolos e instaurou a comunidade eclesial é o mesmo que conduz a adoração autêntica e vivifica cada aspecto da

²⁶ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência. Editora [Puc-Rio], 2024. P.154-155

espiritualidade cristã. Ao concluir esta etapa, somos convidados a aprofundar ainda mais o entendimento sobre a ação do Espírito Santo, voltando nosso olhar, para a atuação contemporânea do Espírito na vida da Igreja e dos fiéis, refletindo sobre como essa presença se manifesta nos dias atuais, guiando, renovando e impulsionando a missão cristã no mundo.

4. AS PREPOSIÇÕES DO ESPÍRITO SANTO NA IGREJA PRIMITIVA

4.1 O ESPÍRITO SANTO E A VIDA DA IGREJA

“Com efeito, o Espírito derramado em Pentecostes introduz a Igreja numa experiência radicalmente nova e definitiva, em relação às inúmeras fases do projeto criador e salvífico de Deus. Segundo essa mesma ordem, o mistério da encarnação do Verbo e o evento pascal de Jesus Cristo – em seu núcleo *pneumato-soteriológico* – constituem as realidades que conferem sentido às demais etapas da história *salutis*.”

“A vinda do Espírito e a fundação da Igreja são realidades conexas e consequentes.

O Corpo de Cristo é uma realidade plasmada pelo *Pneûma* do Ressuscitado e dele impregnada. Foi tarefa fundamental para a Igreja nascente a busca de um estilo de vida que expressasse o dinamismo pneumatológico do Mistério Pascal. Sobretudo, é Paulo quem vai, a partir de sua própria experiência, enfatizar isso (2Cor 5,17; Gl 6,15; Cl 3,9-10). Não sem razão, alguns autores da atualidade julgam necessário que a teologia considere com atenção a dimensão carismática e pneumática da Igreja.”²⁷

Com o derramamento do Espírito no Pentecostes, a Igreja é introduzida numa experiência tão radical quanto definitiva. Essa realidade transforma todas as fases do plano criador e salvador de Deus. No núcleo do mistério da encarnação e na ressurreição de Jesus Cristo, o Espírito confere significado às etapas da história da salvação. Além disso, o Espírito e a fundação da Igreja são eventos interligados e consequentes.

O Corpo de Cristo, formado pelo *Pneûma* do Ressuscitado, é igualmente impregnado por ele. Na Igreja nascente, viver de acordo com o dinamismo pneumatológico do Mistério Pascal era fundamental. Sobretudo, conforme as cartas

²⁷ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência. Editora [Puc-Rio], 2024. P.170.

de Paulo (2Cor 5,17; Gl 6,15; Cl 3,9-10), entende-se que a teologia contemporânea deveria considerar a dimensão carismática e pneumática da Igreja.

“Nos escritos dos Padres Apostólicos, o termo “mysterion” está muito presente nos textos de Inácio de Antioquia e significa o mistério salvífico da cruz de Jesus, que nos conduz à ressurreição com Ele. Ao lado do Mistério da morte gloriosa de Cristo, Inácio coloca o Mistério da encarnação do Filho de Deus. Por isso, na cristologia patrística, a Encarnação não é considerada fora do mistério da Páscoa. Quando ele escreveu aos magnésios, com o intuito de advertir a respeito da substituição do sábado pelo domingo, como o dia do culto, assim declarou:”²⁸

“Se os que viviam no antigo estado de coisas passaram a uma nova esperança, deixando de observar o sábado e vivendo segundo o Dia do Senhor, dia em que a nossa vida despontou por meio d’Ele e da sua morte, mistério que alguns negam, mas do qual recebemos a fé e no qual perseveramos para sermos reconhecidos como verdadeiros discípulos de Cristo, nosso único mestre. Como poderemos viver sem Ele, se inclusive os profetas, que são seus discípulos no Espírito o aguardavam como mestre? É porque era por eles justamente esperado quando veio e ressuscitou-os dos mortos.”²⁹

“Do mesmo modo, o Espírito possui a maestria de gerar unidade a partir da diversidade. Em virtude de seu toque criativo, cada pessoa e todos os ministérios do Corpo de Cristo tornam-se necessários para a construção do Reino de Deus. No mundo e na Igreja, o Espírito Santo apresenta-se como “fonte de energia” e como “campo de forças”, despertando as “forças carismáticas da vida”. É exatamente o que J. Moltmann desenvolve em sua pneumatologia (Moltmann, 1999: 174-188).”³⁰

Com o poder transformador do Espírito Santo, a diversidade dentro do Corpo de Cristo é harmonizada em profunda unidade. Cada pessoa, com suas singularidades, e cada ministério, com seus dons específicos, são tocados pelo Espírito, tornando-se peças indispensáveis na construção do Reino de Deus. Em seu papel de regenerador, o Espírito Santo realça a importância de cada membro, assegurando que suas contribuições, por mais variadas que sejam, convergem para um propósito sagrado.

²⁸ BALBINO, Fábio de Souza. Estudo do Sintagma ‘Mistério Pascal’. Benedictus Livraria Católica, 2025. P.42

²⁹ A tradução em português é da Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos de primeiro milênio, ed. Secretariado Nacional de Liturgia, Rotäbook, Fátima 2015, 113.

³⁰ MOLTMAN, J. Doutrina ecológica da criação. Petrópolis:Vozes, 1993.

Sobre o Espírito Santo, reconhece-se sua ação vigorosa e vitalizadora. Ele atua tanto na dimensão individual quanto coletiva, revigorando a Igreja e inspirando cada crente a viver conforme os preceitos divinos. A força unificadora do Espírito destaca-se em meio à diversidade, garantindo que, apesar das diferenças, todos se movem em direção a um objetivo comum.

Em Espírito, as forças carismáticas despertam dentro de cada pessoa. Esse despertar não é apenas uma manifestação de dons latentes, mas uma vivência profunda e integradora que fortalece a comunidade cristã. Os carismas ativados pelo Espírito transformam-se em fontes de energia espiritual, permitindo que a vida da Igreja seja dinâmica e pujante.

No Espírito, encontra-se o dinamismo constante que impulsiona os fiéis a agir de acordo com a vontade divina. Essa atuação contínua do Espírito Santo não só guia, mas revitaliza a fé e o compromisso da comunidade com os ideais do cristianismo. O Espírito Santo, em sua essência, é a força propulsora que mantém vivos os princípios e a missão da Igreja em um mundo em transformação.

4.2 A FORÇA DO ESPÍRITO NA IGREJA E NO MUNDO

“Foi parte integrante da experiência de fé da Igreja nascente a consciência eclesial e pessoal do Espírito Santo como o princípio gerador da “vida nova”. Sempre ameaçada pelas intempéries da história e por seus “ventos contrários”, necessária se fazia a exortação apostólica de não se extinguir a chama do Espírito (1 Ts 5,19).”

“Como força dinâmica e irresistível, era ele quem se impunha como garantia e esperança da Igreja, em toda e qualquer circunstância em que se encontrasse. Desde a primeira página do livro dos Atos dos Apóstolos, o Espírito se manifesta de forma surpreendente e até mesmo inesperada. Ele intervém e aparece como uma força que impele a Igreja para as extremidades do mundo, conferindo-lhe dimensão missionária e catolicidade.”³¹

“O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. É o mistério de Deus em si mesmo. É, portanto, a fonte de todos os outros mistérios da fé, é a luz que os ilumina. É o ensinamento mais fundamental e essencial na hierarquia das verdades de fé. Toda a história da salvação não é senão a história da via e dos

³¹ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência. Editora [Puc-Rio], 2024. P.175

meios pelos quais o Deus verdadeiro e único, Pai, Filho e Espírito Santo, se revela, reconcilia consigo e une a si os seres humanos que se afastam do pecado.”³²

“Deus é Espírito Santo. Deus concede seu Espírito. A teologia cristã só é possível a partir do Espírito Santo. O Filho só revela o Pai na glorificação, pelo Espírito. E a comunidade cristã só reconhece e proclama o homem Jesus como Filho de Deus após a Ressurreição, pelo Espírito. Em sua morte e sua ressurreição, Jesus doa seu Espírito a quem nele crer.”

“Entretanto, esse Espírito sozinho levaria a uma experiência de Deus puramente carismática, intimista, interioriza-te. Seria uma religião da anarquia, sem a dimensão horizontal nem a vertical, conduzindo ao individualismo, à alienação, ao carismático delirante e a um subjetivismo a toda prova, tornando, assim, a teologia impossível. Mas, o que a revelação nos diz é que esse Espírito é Espírito do Pai e do Filho e torna-se Espírito no ser humano.”

“Faz do ser humano seu Templo, inspira-o, cristifica-o, diviniza-o, configura-o ao Filho e o faz filho ele também, possibilitando-lhe então chamar Deus de Pai, como Jesus chamava.”³³

“Os efeitos da ressurreição de Jesus são partilhados pela Igreja, em virtude do Espírito derramado em Pentecostes. Cada homem, na medida em que é incluído no Corpo de Cristo, já participa da vida nova do Senhor e, portanto, do seu destino de glória. Por essa mesma glória que brota do Senhor – por sua própria natureza difusa -, todo o cosmos é envolvido.”

“A criação, segundo o apóstolo Paulo, espera “ser liberta da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8,21). O Espírito do Senhor, energia divina, fonte geradora da Páscoa de Jesus, não cessa de operar dinamicamente em seu Corpo, na consciência de cada homem e em todo o criado. Essa potência transfigurante é a garantia da perene veracidade e do pleno cumprimento daquilo está escrito no final do primeiro relato da criação: “Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom” (Gn 1,31).”³⁴

³² Catecismo da Igreja Católica, n. 234.

³³ BINGEMER, Maria Clara L.; FELLER, Vitor Galdino. Deus, Trindade: a vida no coração do mundo. 6. Ed. São Paulo: Paulinas, 2003. P. 20

³⁴ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência. Editora [Puc-Rio], 2024. P.177

4.3 PENTECOSTES E O CULTO DA NOVA ALIANÇA

“Os Atos dos Apóstolos e as cartas de Paulo, por exemplo, demonstram como os princípios fundamentais do culto e das assembleias litúrgicas eram determinantes para a autocompreensão da Igreja. O fundamento litúrgico-sacramental da fé, vivido e testemunhado por aquelas assembleias, foi desenvolvido, de modo particular e privilegiado, a partir do século II d.C., conhecendo a sua “fase áurea” na época dos Padres da Igreja.”

“O mistério da Igreja tem a sua origem no Mistério Pascal e se “epifaniza” como uma assembleia cultual reunida na unidade do Espírito Santo. A ressurreição do Senhor e o evento de Pentecostes, na verdade, tornaram possível a primeira assembleia litúrgica cristã. “Quanto chegou o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar” (At 2,1). Trata-se do germe da comunidade de Jerusalém, a primeira a se perceber como “comunidade” pneumática de fé e de culto.”³⁵

“A expressão “Mistério pascal” propriamente dita, explica P. Sorci, encontra-se pela primeira vez, e com notável frequência, na segunda metade do segundo século, na Ásia Menor, em duas homilias proferidas por ocasião da celebração da Páscoa. Uma é de Melitão de Sardes, outra, de um autor anônimo, muito parecida com aquela de Melitão, embora independente dela.³⁶ Com datação entre os anos 165 e 185, assim pregou Melitão de Sardes, naquela Páscoa:”

“Foi lido o texto da Escritura sobre o êxodo hebreu e acabam de ser explicadas as palavras do mistério: como foi morto o cordeiro e como foi salvo o povo. Ficai sabendo caríssimos: o mistério pascal é um mistério novo e antigo, eterno e transitório, corruptível e incorruptível, mortal e imortal. E mistério antigo em relação à lei, novo em relação à Palavra encarnada; transitório na sua figura, eterno pela graça; é corruptível pela imolação do cordeiro, incorruptível pela vida do Senhor; é mortal pela sua sepultura na terra, imortal pela sua ressurreição de entre os mortos.”³⁷

“A experiência pascal da Igreja nascente é uma clara manifestação da presença do Ressuscitado entre os seus, em virtude do dom do Espírito. Dentre tantos exemplos, a declaração feita por Pedro a um aleijado confirma isso: “Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isto eu te dou: Em nome de Jesus Cristo Nazareno, anda!”

³⁵ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência. Editora [Puc-Rio], 2024. P.178

³⁶ CF. P. SORCI, «Mistero Pasquale», in Liturgia, edd. D. Sartore-A.M. Triacca-C. Cibien, San Paolo, Cinisello Balsamo (Milano) 2001, 1234-1260.

³⁷ A tradução em português é da Antologia Litúrgica, 161.

(At 3,16). O Espírito Santo torna-se, assim, a condição primeira para que a presença de Jesus, como aquele que deseja reunir e salvar os homens, se torne uma realidade no coração da Igreja até “a consumação dos séculos” (Mt 28,20b).³⁸

A vivência pascal da Igreja nascente se destaca como uma manifestação viva e concreta da presença do Ressuscitado entre os seus, graças ao dom do Espírito Santo. Este Espírito, prometido por Jesus, é a fonte de energia espiritual que capacita a comunidade cristã a viver plenamente a ressurreição e a continuar a missão de Cristo no mundo.

O evento da cura do aleijado na Porta Formosa, narrado em Atos 3,16, ilustra de maneira clara a atuação do Espírito Santo através dos apóstolos. Pedro, ao afirmar “Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isto eu te dou: Em nome de Jesus Cristo Nazareno, anda!”, demonstra que a verdadeira riqueza da Igreja não está em bens materiais, mas na força do nome de Jesus e no poder do Espírito. Esta cura não é apenas uma restauração física, mas uma sinalização da salvação integral que Jesus oferece, reafirmando sua presença viva e atuante na comunidade cristã.

A promessa de Jesus em Mateus 28,20b, “eis que eu estarei convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”, é um pilar fundamental para a fé da Igreja. Esta presença contínua de Cristo é mediada pelo Espírito Santo, que guia, ilumina e fortalece a Igreja em sua missão histórica. O Espírito é o elo que mantém viva a conexão entre Jesus e a Igreja, garantindo que a missão salvífica de Cristo perdure ao longo dos tempos.

Assim, a experiência pascal não se limita a um evento histórico distante, mas se perpetua na vida da Igreja, animada pelo Espírito Santo. A missão da Igreja de reunir e salvar a humanidade é vivificada pela presença do Ressuscitado, que continua a atuar no coração da comunidade cristã através do Espírito. A Igreja, como corpo de Cristo, é chamada a ser um sinal vivo da salvação que Jesus oferece, testemunhando sua presença no mundo de maneira concreta e transformadora.

4.4 A VIDA CRISTÃ COMO CULTO ESPIRITUAL

“É de nosso interesse considerar a “dimensão litúrgica” da vida cristã, já que a revelação neotestamentária aplica – na quase totalidade de seu uso – leitourgía à

³⁸ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência. Editora [Puc-Rio], 2024. P.179

experiência cotidiana vivida pelos cristãos, peregrinos neste mundo. Para tal, servir-nos-emos de nosso interesse considerar a “dimensão litúrgica” da vida cristã, já que a revelação neotestamentária aplica – na quase totalidade de seu uso – leitourgía à experiência cotidiana vivida pelos cristãos, peregrinos neste mundo.”

“Para tal, servir-nos-emos de dois modelos bíblicos: um extraído de Paulo (Rm 12,1) e o outro, de Pedro (1Pd 2,4-5.9). A razão de ser da escolha tem dois motivos. O primeiro é o fato de em ambos os modelos ser clara a temática da vida cristã, em sua totalidade, como um ato de culto a ser prestado a Deus – culto que Ele mesmo deseja. O segundo se justifica por encontrarmos em ambos – embora com estilos diversos – semelhanças de ideias, de intenções e de vocabulário teológicos.”

“Assim escreve Paulo aos cristãos de Roma: “Exorto-vos, por-tanto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais vossos corpos como hóstia viva, santa e agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual” (Rm 12,1). Para o apóstolo, toda a vida cristã tem uma dimensão “litúrgica”, de culto espiritual; a existência cristã do crente, com efeito, tem um valor de sacrifício “agradável a Deus”.³⁹

O texto teológico apresentado aborda a “dimensão litúrgica” da vida cristã, enfatizando a aplicação do termo *leitourgía* à experiência cotidiana dos cristãos conforme a revelação neotestamentária. Dois modelos bíblicos são usados para ilustrar essa ideia: Paulo (Rm 12,1) e Pedro (1Pd 2,4-5.9).

A análise teológica do conceito de “dimensão litúrgica” na vida cristã, conforme apresentada pelo professor Luiz Fernandes e baseada nos modelos bíblicos de Paulo e Pedro, revela uma visão integral e contínua do culto cristão. Este conceito desafia a separação tradicional entre vida cotidiana e adoração litúrgica, propondo que a espiritualidade e o culto a Deus permeiam todos os aspectos da existência do crente.

A utilização do termo *leitourgía* no Novo Testamento para descrever a vida diária dos cristãos sugere uma redefinição da liturgia. Não se trata apenas de rituais religiosos formais, mas de uma experiência viva e cotidiana. Esta perspectiva é exemplificada nas cartas de Paulo e Pedro, que sublinham a ideia de que toda a vida do cristão é um ato contínuo de adoração a Deus.

Paulo, em Romanos 12:1, exorta os cristãos a oferecerem seus corpos como um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que ele chama de “culto espiritual”. Este

³⁹ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência. Editora [Puc-Rio], 2024. P.185

versículo sublinha a ideia de que cada aspecto da vida cristã, desde as ações diárias até os pensamentos e intenções, deve ser uma oferta a Deus. O sacrifício vivo transcende os sacrifícios tradicionais e ritualísticos, transformando a vida do crente em um constante ato de devoção e culto.

Pedro, em sua primeira carta, apresenta a metáfora dos cristãos como pedras vivas que constroem um edifício espiritual, oferecendo sacrifícios espirituais agradáveis a Deus. Ele enfatiza a ideia do sacerdócio universal dos crentes, onde cada cristão é chamado a exercer um papel sacerdotal através de suas ações cotidianas. Esta visão amplia o conceito de liturgia para além do espaço físico da igreja, estabelecendo que o verdadeiro culto a Deus se dá na vida diária dos fiéis.

Apesar das diferenças de estilo e contexto, tanto Paulo quanto Pedro convergem na ideia de que a vida cristã é um ato integral de culto. Esta convergência reforça a ideia de que a espiritualidade cristã é uma jornada contínua de adoração e serviço a Deus, onde cada ação do crente é uma expressão de devoção litúrgica.

O conceito de “dimensão litúrgica” da vida cristã, conforme explorado através dos textos de Paulo e Pedro, apresenta uma visão holística e integrada da espiritualidade. Ele desafia os cristãos a verem suas vidas como um culto constante a Deus, onde cada ação e decisão têm significado espiritual. Este entendimento promove uma teologia de total consagração e serviço, enfatizando que o verdadeiro culto a Deus se manifesta na vivência diária dos princípios cristãos.

Esta perspectiva teológica convida os fiéis a uma vida de adoração contínua, onde a dimensão litúrgica não se limita aos rituais formais, mas se expande para cada momento da existência cristã. Tal visão encoraja uma prática de fé que é vivida em todos os aspectos da vida, refletindo a natureza integrada do culto cristão desejado por Deus.

“As imagens bíblicas veterotestamentárias nos oferecem elementos para a compreensão da Igreja do Novo Testamento e de todos os tempos. Esta Igreja é o novo povo de Deus, formado por Jesus Cristo e guiado pelo Espírito Santo, para anunciar a toda a humanidade a nova aliança. A igreja é sinal de que, em Jesus Cristo, todos os povos podem ser um só.”

“O único Povo de Deus estende-se a todo o mundo e por todos os tempos, cumprindo o desígnio de sua vontade. Em virtude dessa catolicidade, cada uma das partes disponibiliza seus próprios dons umas às outras e assim toda a Igreja cresce. O todo e cada uma das partes aumentam, comunicando entre si todas as riquezas e

aspirando a plenitude da unidade. Desse modo, o Povo de Deus não é apenas a reunião dos diversos povos, mas em sua estrutura interna é também o composto de várias ordens, considerando a diversidade entre seus membros, seja em seus ofícios seja em seu modo de vida. Entre as diversas partes da Igreja existem vínculos de íntima comunhão.”⁴⁰

“O Espírito de Deus vivifica o coração petrificado dos homens, transfigurando-os em “pedras vivas”, incitando-as a formar o Corpo de Cristo. Além do mais, ele é a amálgama que une as pedras vivas entre si, “soldando-as” e compactando-as, a fim de formarem o único Corpo de Cristo. O mistério da unidade realizada pela força do Espírito unifica, respeitando e valorizando as diferenças.”

“Unidade na diversidade é o fruto da ação do Pneûma no coração dos homens. Essa é a meta da “vida nova” segundo o apóstolo Paulo: “Há um só Corpo, um só Espírito, assim como é uma só a esperança da vocação com que fostes chamados; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; há um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos” (Ef 4,4-6).”⁴¹

A atuação do Espírito Santo na Igreja Primitiva não apenas consolidou sua identidade como Corpo de Cristo, mas também impulsionou sua missão no mundo, moldando seu culto, sua comunhão e sua vivência cotidiana em uma liturgia viva e transformadora. Ao contemplarmos a presença do Espírito como força unificadora, inspiradora e geradora de vida, reconhecemos que a Igreja, desde seus primórdios, é chamada a viver em contínuo estado de adoração, missão e unidade, refletindo o mistério pascal na história.

5. AS PREPOSIÇÕES DO ESPÍRITO SANTO NA IGREJA CONTEMPORÂNEA

5.1 O ESPÍRITO SANTO E A TRANSFORMAÇÃO DA HUMANIDADE

“No ápice da missão messiânica de Jesus, o Espírito Santo aparece-nos, no mistério pascal, em toda a Sua subjectividade divina, como Aquele que deve continuar agora a obra salvífica, radicada no sacrifício da cruz. Esta obra, sem dúvida, foi confiada aos homens: aos Apóstolos e à Igreja. No entanto, nestes homens e por meio

⁴⁰ Cf. SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, «Constitutio Dogmatica de Eccle-sai Lumem Gentium (21 novembris 1964) 13», AAS 57 (1965) 17.

⁴¹ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência. Editora [Puc-Rio], 2024. P.189

deles, o Espírito Santo permanece o sujeito protagonista transcendente da realização dessa obra, no espírito do homem e na história do mundo.”⁴²

“O Espírito manifesta-se particularmente na Igreja e nos seus membros, mas a Sua presença e acção são universais, sem limites de espaço nem de tempo. [35] O Concílio Vaticano II lembra a obra do Espírito no coração de cada homem, cuidando e fazendo germinar as « sementes do Verbo », presentes nas iniciativas religiosas e nos esforços humanos à procura da verdade, do bem, e de Deus.”

“O Espírito oferece ao homem « luz e forças que lhe permitem corresponder à sua altíssima vocação »; graças a Ele, « o homem chega, por meio da fé, a contemplar e saborear o mistério dos planos divinos »; mais ainda, « devemos acreditar que o Espírito Santo oferece a todos, de um modo que só Deus conhece, a possibilidade de serem associados ao mistério pascal ». [37] Seja como for, a Igreja sabe que o homem, solicitado incessantemente pelo Espírito de Deus, nunca poderá ser totalmente indiferente ao problema da religião, mantendo sempre o desejo de saber, mesmo se confusamente, qual o significado da sua vida, da sua actividade, e da sua morte. [38] O Espírito está, portanto, na própria origem da questão existencial e religiosa do homem, que surge não só de situações contingentes, mas sobretudo da estrutura própria do seu ser.”⁴³

“Na plenitude da História da Salvação, o acontecimento assembleal deixa de ser mormente exterior, demonstrativo ou representativo; virá investido de uma potência transformadora, que passa a vincular os indivíduos desde dentro, moldá-lo segundo suas prerrogativas salvíficas e efetivar uma comunhão integral, universal e duradoura.”⁴⁴

“Assim sendo, devemos considerar que a assembleia litúrgica é verdadeiramente tal quando reflete a luz celeste e que, embora viva na tensão entre semelhança e dessemelhança entre tempo e espaço, entre o já (da realidade salvífica e sacramental realizada em Cristo e por Cristo) e o ainda

⁴² JOÃO PAULO II, João. *Redemptoris Missio*: Carta Encíclica sobre a validade permanente do mandato missionário. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1990.

⁴³ JOÃO PAULO II, João. *Redemptoris Missio*: Carta Encíclica sobre a validade permanente do mandato missionário. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1990.

⁴⁴ COLA, G. C., *O Sacramento-Assembleia*, p. 131. *PqTeo*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 234-243 jul./dez. 2023

não (da imperfeição humana a caminho), o Espírito Santo não cessa de plasmar no corpo assembleal a imagem perfeita do Filho, superando as divisões e fazendo emergir a bondade, a beleza e a verdade da Igreja Corpo de Cristo.”⁴⁵

“Ora, o Espírito, por meio da Escritura, foi iconógrafo, isto é, operou no hagiógrafo a revelação do ícone do Pai, que é Jesus Cristo (cf. 2Cor 4,4; Cl 1,15). Em Maria, ele foi iconoplasta, ou seja, plasmador do próprio ícone. Na ação litúrgica, ele é simultaneamente iconógrafo, iconoplasta e iconóforo, isto é, portador do ícone do Pai presencializado e vivificado.”⁴⁶

“A época em que vivemos é, ao mesmo tempo, dramática e fascinante. Se por um lado, parece que os homens vão no encalço da prosperidade material, mergulhando cada vez mais no consumismo materialista, por outro lado, manifesta-se a angustiante procura de sentido, a necessidade de vida interior, o desejo de aprender novas formas e meios de concentração e de oração. Não só nas culturas densas de religiosidade, mas também nas sociedades secularizadas, procura-se a dimensão espiritual da vida como antídoto à desumanização. Este fenómeno, denominado « ressurgimento religioso », não está isento de ambiguidade, mas traz com ele também um convite. A Igreja tem em Cristo, que se proclamou « o Caminho, a Verdade e a Vida » (Jo 14, 6), um imenso património espiritual para oferecer à humanidade. É o caminho cristão que leva ao encontro de Deus, à oração, à ascese, à descoberta do sentido da vida. Também este é um areópago a evangelizar.”⁴⁷

5.2 TEMPLOS DO ESPÍRITO SANTO

“Evidentemente, na antropologia cristã a tradição ortodoxa coloca toda uma teologia da reconfiguração da imagem, não somente pela ascese que corresponde e coopera com a ação do Espírito, mas pelos sacramentos nos quais o Espírito santificador age. A proposta dos nossos dois amigos não era menos significativa e, para nós, muito esclarecedora.”⁴⁸

⁴⁵ JOÃO PAULO II, João. Redemptoris Missio: Carta Encíclica sobre a validade permanente do mandato missionário. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1990.

⁴⁶ TRIACCA, A. M., Espírito Santo, p. 361.

⁴⁷ JOÃO PAULO II, João. Redemptoris Missio: Carta Encíclica sobre a validade permanente do mandato missionário. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1990.

⁴⁸ COSTA, Hermisten Maia Pereira da. Creio no Pai, no Filho e no Espírito Santo. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2018. P.93

“Pois o Senhor é o Espírito, e, onde se acha o Espírito do Senhor, aí está a liberdade. E nós que, com a face descoberta, contemplamos como num espelho a glória do Senhor, somos transfigurados nessa mesma imagem, cada vez mais resplandecentes pela ação do Senhor, que é Espírito.” 1Cr 3,17-18, declara o apóstolo Paulo.

"Mas vós sois a raça eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo de sua particular propriedade, a fim de que proclameis as excelências daquele que vos chamou das trevas para a sua luz para a sua luz maravilhosa", declara Pedro em 1Pd 2,9. Esse depoimento do apóstolo aos cristãos é uma intencional retomada daquilo que está escrito em Ex 19,5-6, texto fundador da consciência que Israel tinha de si mesmo como povo escolhido e sacerdotal.

“Com essas palavras, Pedro reconhece que no povo da nova e eterna aliança se dá a plena realização das promessas feitas a Abraão e confirmadas em Moisés, por ocasião da aliança sinaítica. Notemos que as mesmas prerrogativas que couberam a Israel como povo sacerdotal realizam-se plenamente no "novo Israel" - "raça eleita", "sacerdócio real", "nação santa", povo da "particular propriedade" de Deus. A Igreja, na qualidade de "novo Israel", é chamada a proclamar as maravilhas do seu Senhor diante de todos os povos.”⁴⁹

“A igualdade fundamental de todos os cristãos não sanifica, no entanto indiferenciação. Igualdade provém de que todos receberam o mesmo Espírito, o Espírito de Cristo, e nele têm acesso ao Pai. Mas esse Espírito é Espírito de vida e, portanto, de diversidade (Taborda, 2011: 148).”⁵⁰

“Princípio como Amor, realizador de nossa vida de filhos de Deus como Deus, o Espírito consumará em nós essa qualidade. Foi ele quem suscitou em Maria a humanidade de Jesus, ungiu-o e santificou-o para sua ação messiânica: através de sua ressurreição e glorificação, ele acabou fazendo de sua humanidade uma humanidade de (Filho de) Deus, Durante a vida terrestre de Jesus, tinha nele e seu

⁴⁹ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência. Editora [Puc-Rio], 2024. P.190

⁵⁰ A teologia do "sacerdócio comum dos fiéis", resgatada pelo Concílio Vaticano II, tem sido objeto da reflexão teológica pós-conciliar. A Constituição Lumen Gentium, ao enfatizar a importância do tríplice múnus dos batizados - sacerdotal, profético e real -, afirma que todos os fiéis batizados são membros do Corpo de Cristo e que o "fundamento da vida crista" advém da realidade batismal (LG 10).

templo, que continha todos os homens em intenção e em poder de os assumir como filhos de Deus.”⁵¹

“Portanto, é em conformidade com a Escritura que os Padres e os teólogos preferiram sublinhar que não se trata apenas de presença de Deus, mas de habitação.” Eusébio (Hist. Eccl. VI, 2, 11) conta este episódio, que se situa por volta do ano 195: Leonidas, que morreria mártir, se deteve à noite junto ao seu filho, Orígenes, que estava dormindo; descobriu o seu pequeno peito e depositou ali um beijo, sentindo que ali estava um templo onde habitava o Espírito Santo, pois o menino já era habitado pelo amor de Jesus e das Escrituras que falam dele, como deveria provar em seguida.”⁵²

“Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que está em vós e que recebestes de Deus? ...e que, portanto, não pertenceis a vós mesmo?” 1Cr 6,19 ressalta que o Espírito Santo não apenas está presente, mas habita dentro dos crentes, reforçando a ideia de que somos templos vivos de Deus. Isso se conecta com o episódio de “Eusébio” sobre Leônidas, que reconhece o Espírito Santo habitando em seu filho Orígenes.

5.3 O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

“Podemos compreender melhor o que significa ser batizado no Espírito, se virmos o que acontece às pessoas que recebem esse batismo. O Novo Testamento contém diversas passagens que descrevem pessoas recebendo o Espírito. A partir dessas passagens, poderemos descobrir algumas coisas interessantes. No capítulo dezenove dos Atos, Paulo vai a Éfeso. Chegando lá, encontra um grupo de “discípulo”.

“Provavelmente notou logo que alguma coisa estava faltando, porque começou por fazer uma pergunta: “Vocês receberam o Espírito Santo quando abraçaram a fé?” Vejam só que pergunta estranha essa! Que é que um grupo de cristãos modernos responderia? Provavelmente diria: “Que é que você quer dizer com isso - 'receber o Espírito Santo'?”

⁵¹ COSTA, Hermisten Maia Pereira da. Creio no Pai, no Filho e no Espírito Santo. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2018. P.96

⁵² COSTA, Hermisten Maia Pereira da. Creio no Pai, no Filho e no Espírito Santo. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2018. P.115

“Na realidade, foi quase essa mesma a resposta daquele grupo de discípulos. Disseram a Paulo que nem mesmo tinham ouvido falar que houvesse um Espírito Santo que poderiam receber. Mas o que é estranho na pergunta, é que Paulo esperava que eles soubessem responder. Esperava que fossem capazes de dizer se tinham ou não recebido o Espírito Santo.”⁵³

“Das passagens do Novo Testamento se deduz claramente que, quando as pessoas são batizadas no Espírito, elas têm conhecimento disso. Experimentam a vinda do Espírito de maneira indiscutível. Podem reconhecê-lo não apenas em si mesmas, mas também nos outros. O resultado de serem batizadas no Espírito é que o Espírito Santo entra nas suas vidas e começa a fazer acontecer coisas, de maneira que possam ter a experiência de sua presença.”

“Há pessoas, hoje em dia, que estão tendo essa experiência. O Espírito Santo está vindo às pessoas de maneira que o percebem e o reconhecem por experiência. Em número cada vez maior as pessoas estão sendo batizadas no Espírito de maneira semelhante ao que acontecia no Novo Testamento.”⁵⁴

“A teologia evangélica conservadora nasceu do "Despertar Evangélico", iniciado principalmente a partir da pregação de Wesley, nos séculos XVIII e XIX. Os primeiros evangélicos se preocupavam porque os cristãos do seu tempo pareciam mornos e sem o tipo de experiência de Cristo que os primeiros cristãos tiveram. Descobriram, também, pessoalmente, que era possível ter uma verdadeira experiência de Cristo. Muitos deles, então, deram o passo seguinte, dizendo que essa experiência da salvação é que tornava as pessoas cristãs.”

"Salvação, para eles, significava aquilo que permite às pessoas irem para o céu. O objetivo da pregação evangélica, desde então, tem sido o de "salvar as pessoas", isto é, trazê-las a uma experiência de salvação. Essa experiência nos vem mediante a conversão ao Senhor e a oração de súplica para que "entre em nossas vidas", que "seja nosso Senhor e salvador", ou coisas semelhantes. Essa experiência é descrita como "ser salvo", "nascer de novo", ou "receber Jesus".

“Segundo alguns evangélicos, a pessoa que teve essa experiência irá automaticamente para o céu, não importa o que faça depois. A maioria dos

⁵³ CLARK, Stephen B. Batizados no Espírito Santo. São Paulo: Loyola, 1994. P.14

⁵⁴ CLARK, Stephen B. Batizados no Espírito Santo. São Paulo: Loyola, 1994. P. 16

evangélicos diz que é essa experiência que nos faz cristãos. Todas as outras pessoas que apenas crêem em Cristo e estão tentando viver de acordo com os seus ensinamentos, não são de forma alguma cristãs.”

“Em fins do século XIX, muitos evangélicos começaram a achar que ainda não estavam tendo a mesma experiência dos primeiros cristãos. Começaram a perceber que havia algo mais na experiência da Igreja primitiva. Em princípios do século XX, alguns evangélicos — na maioria pertencentes ao Movimento de Santidade, - começaram a descobrir que, se orassem com fé para serem batizados no Espírito, podiam experimentar as mesmas coisas que aconteciam com os primeiros cristãos. Podiam experimentar a plenitude da vida do Espírito, com todos os seus dons. Dessa descoberta resultou o Movimento Pentecostal.”

“Os primeiros pentecostais eram, na maioria, evangélicos que abordaram a nova experiência como um segundo passo. Primeiro, você é "salvo" depois, "cheio", E somente aqueles que têm exatamente o mesmo tipo de experiência que tiveram os primeiros cristãos, é que tem o Espírito Santo. Quanto aos outros, mesmo quando parecem experimentar alguma coisa da presença e da ação do Espírito, simplesmente ainda não estão "cheios do Espírito".

“Muitos evangélicos, porém, não aceitaram a experiência pentecostal. Argumentavam, para sua própria satisfação, que no Novo Testamento a pessoa recebia o Espírito Santo (era batizada no Espírito Santo), quando aderira a Cristo (era salva). Os pentecostais, naturalmente, tendo experimentado alguma coisa a mais, estavam convencidos de que aquilo que os evangélicos chamavam de "ser batizados no Espírito", não era a mesma realidade coberta por essa expressão no Novo Testamento.”

“E podiam citar passagens dos Atos (capítulos 2,8,10,19) onde as duas experiências eram diferentes. Alguns pentecostais, num esforço de acomodação (ou "ecumenismo"), declararam que não se afirmava que a pessoa, ao ser salva, não recebia o Espírito Santo de forma alguma; e podiam até citar passagens do Novo Testamento que se referiam ao Espírito Santo enquanto possuído pelos que eram "salvos", e outras que se referiam ao Espírito Santo enquanto possuído pelos que eram "cheios". E surgiram então pentecostais com duas experiências diferentes de

recepção do Espírito Santo: a primeira, quando a pessoa é "salva", e a segunda quando é "batizada no Espírito Santo"⁵⁵

“O Concílio Vaticano II retomou a teologia dos carismas, ressaltando que o Espírito Santo não apenas santifica e dirige o Povo de Deus por meio dos sacramentos e dos ministérios, mas distribui graças carismáticas entre seus fiéis (1Cor 12,11; 1Cor 12,7), que são importantes e úteis para a Igreja, quer se trate de dons extraordinários, quer de dons mais simples, deixando a quem preside a Igreja a competência de os discernir (LG, n. 12; cf. AA,n. 3). Como afirma a *Lumen Gentium* em outro lugar, o Espírito dirige e enriquece a Igreja com diversos dons hierárquicos e carismáticos” (LG, n. 4).”

“A teologia católica ainda não tirou todas as consequências desta teologia dos carismas do Espírito. Ao longo da história, houve a tendência a identificar a ação do Espírito quase exclusivamente com os ministérios e sacramentos, esquecendo-se destes outros dons carismáticos não hierárquicos, ou relegando-os a casos extraordinários de alguns místicos.”

“O Concílio Vaticano II reabilitou o sentido e a missão dos leigos na Igreja, Povo de Deus (LG, cap. II e IV; AA), acolhendo todos os anseios e reflexões teológicas que foram surgindo no seio da Igreja durante os anos que o precederam. No n. 3 do decreto do Concílio Vaticano II sobre o apostolado dos leigos, podemos ler:

O Espírito Santo (...) concede também aos fiéis [...] dons particulares [...] "distribuindo-os por cada um conforme lhe apraz" (1Cor. 12,11) [...]. A recepção destes carismas, mesmo dos mais simples, confere a cada um dos fiéis o direito e o dever de atuá-los na Igreja e no mundo, para bem dos homens e edificação da Igreja, na liberdade do Espírito Santo, que "sopra onde quer" (Jo 3,8) e, simultaneamente, em comunhão com os outros irmãos em Cristo, sobretudo com os próprios pastores; a estes compete julgar da sua autenticidade e exercício ordenado, não de modo a apagarem o Espírito, mas para que tudo apreciem e retenham o que é bom (cf. 1Ts 5,12.19.21).”⁵⁶

⁵⁵ CLARK, Stephen B. *Batizados no Espírito Santo*. São Paulo: Loyola, 1994. P. 59-61

⁵⁶ CODINA, Victor. *Não extingais o Espírito: iniciação à pneumatologia*. Tradução de Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulinas, 2010. P.136-137.

5.4 AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NA COMUNIDADE CRISTÃ

“O Espírito do Senhor foi enviado e derramado pelo Pai "sobre toda carne" (At 2,17) para que se possa realizar este projeto. Fechar o Espírito dentro da Igreja é se esquecer do Reino e do projeto do Pai; é truncar seu dinamismo e mutilar sua missão. O teólogo W. Kasper, atualmente cardeal encarregado do ecumenismo, escreveu, já lá se vão trinta anos, que os representantes do ministério consagrado parecem que se sentem no direito não só de discernir os espíritos, mas também de trancafiar a pomba do Espírito em uma gaiola.”⁵⁷

“Paulo insiste em que temos de distinguir este Espírito de outros espíritos. Para ele, o Espírito de Jesus deve nos conduzir a viver os valores evangélicos, a transformar nossa mentalidade (Rm 12,2), a aceitar a loucura da cruz (1Cor 20-21) e a mostrar predileção pelos pequenos e fracos (1Cor 1,27-29). Os frutos do Espírito são a alegria, a paz, a paciência, a amabilidade, a bondade, a lealdade, a mansidão, o domínio próprio (Gl 5,22-23; Ef 5,8-10; Fl 1,9-11), opostos aos da carne (Gl 5,19-21). Os frutos do Espírito não são apenas pessoais, mas também comunitários: a alegria de compartilhar (Cl 1,11-12), a generosidade (2Cor 8,2), a união fraterna na comunidade (Rm 14,19; Fl 4,7; At 9,31). Em última instância, o fruto autêntico e o carisma mais excelente do Espírito é o amor fraterno (1Cor 13).”⁵⁸

“Por causa das diferenças entre a renovação carismática e as formas tradicionais de espiritualidade, as pessoas que foram educadas nesta última, têm certas dificuldades específicas para compreender o que é ser batizado no Espírito. Às vezes essa dificuldade vem da sua própria maturidade na vida espiritual. Depois de muitos anos de crescimento espiritual, acham difícil pedir a mesma coisa que o calouro da universidade, recém-convertido ao cristianismo, está pedindo.”⁵⁹

“A partir desse fato, precisamos dar mais um passo para nos referir aos sinais dos tempos. Se foi difícil para muitos discernir em Jesus de Nazaré o mistério do Filho de Deus encarnado, apesar de Jesus ser santo e pura transparência do Pai, muito mais difícil será discernir a presença do Espírito em pessoas, grupos, tendências, movimentos e ideologias em que a presença do Espírito está misturada com

⁵⁷ KASPER, W. Die Kirche als Sakrament des Geistes. In: KASPER, W.; SAUTER, G. Kirche als Ort des Geistes. Freiburg i.Br., 1976. p. 14-55, 50.

⁵⁸ CODINA, Victor. Não extingais o Espírito: iniciação à pneumatologia. Tradução de Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulinas, 2010. P. 225

⁵⁹ CLARK, Stephen B. Batizados no Espírito Santo. São Paulo: Loyola, 1994. P. 69

limitações, erros, condicionamentos culturais, pecados, ambiguidades, egoísmos, interesses pessoais ou de grupo, exageros, fanatismos, fundamentalismos etc”.

“Esta dificuldade pode explicar, não justificar, que se chegue a casos em que o Espírito é considerado como algo demoníaco, que deve ser rejeitado frontalmente. As exortações paulinas, para não extinguir o Espírito (ITs 5,19) nem entristecê-lo (Ef 4,30), adquirem uma força especial à luz deste pecado contra tal Espírito, que nasce, no fundo, do fato de não querer mudar, de pretender conservar privilégios e posições do passado, de não aceitar sequer ainda se converter à vida nova que nasce por obra desse Espírito. É permanecer na mentira, na obscuridade e na morte. É pecar contra a luz.”⁶⁰

“Nossa dificuldade em compreender o que seja ser batizado no Espírito ilustra um velho axioma que está na base de todo aprendizado - só podemos entender o que experimentamos. Teólogos e exegetas muito cultos, que nunca experimentaram uma comunidade na qual todo o mundo foi batizado no Espírito, e na qual os dons espirituais são parte normal da vida, muitas vezes têm dificuldade para compreender uma passagem do Novo Testamento, que é perfeitamente clara para alguns novos cristãos que acabaram de experimentar aquilo a que se refere a passagem. Além disso, pessoas que vieram de diferentes tradições, interpretarão a mesma verdade de maneiras diferentes, porque estão tentando relacioná-la com experiências diferentes.”

Nosso objetivo deve estar todo em Cristo. Devemos querer tudo o que o Senhor nos está oferecendo. Deveríamos estar nos esforçando por edificar comunidades cristãs que experimentam a plenitude da vida do Espírito, comunidades nas quais todos os membros foram batizados no Espírito e que são edificadas pelos dons espirituais. É preciso que haja comunidades que possam receber os que chegam em busca de Cristo, e que possam conduzi-los à plenitude da vida do Espírito.”

“Precisamos, em outras palavras, de uma restauração da vida de comunidade, segundo os moldes da que existia na Igreja primitiva, no tempo do Novo Testamento e nos primeiros séculos do cristianismo. E, a par disso, precisamos de uma restauração da iniciação crista semelhante àquela em que os novos cristãos foram ensinados sobre a vida cristã, foram libertados dos maus espíritos, foram batizados

⁶⁰ CODINA, Victor. Não extingais o Espírito: iniciação à pneumatologia. Tradução de Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulinas, 2010. P. 229

em água e no Espírito, e foram alimentados com o corpo e o sangue de Cristo. Uma vez que estiverem plenamente em Cristo, tudo o que foi dito dos cristãos, no Novo Testamento, se aplicará também a eles.”⁶¹

Ao longo da história da Igreja, a presença do Espírito Santo permanece inabalável e ativa, moldando comunidades, despertando carismas, renovando liturgias e impulsionando os fiéis a uma vida de culto integral. Na contemporaneidade, mesmo diante das ambiguidades culturais, dos desafios da fé e das diferenças eclesiológicas, o Espírito continua a agir *em, com, sobre e por meio* da Igreja, transformando indivíduos em templos vivos e conduzindo a comunidade cristã a uma vivência mais autêntica da fé. O culto não se restringe ao espaço sagrado, mas se torna experiência cotidiana, marcada por conversão, unidade e missão. Encerrando esta análise, percebe-se que o mesmo Espírito que pairava sobre as águas na criação, ungiu o Messias, fundou a Igreja e habita no crente hoje, é também Aquele que impulsiona à esperança escatológica.

6. CONCLUSÃO

Este estudo aprofundou o papel das preposições na compreensão e representação do Espírito Santo nas Escrituras e na tradição cristã. Ao longo da pesquisa, foi possível observar como as preposições estruturam a linguagem teológica, conectando conceitos fundamentais desde o Antigo Testamento até a Igreja contemporânea. A ação do Espírito Santo foi destacada em diversos momentos cruciais, como na criação, no profetismo, na aliança salvífica, na vida de Jesus e no Pentecostes.

No Antigo Testamento, a preposição "sobre" é usada para indicar a ação do Espírito Santo sobre os profetas, como em Isaías 61,1, onde o Espírito Santo está ativamente envolvido e presente na vida e ministério do profeta. A preposição "em", em Ezequiel 37:14, indica a imersão e a presença contínua do Espírito Santo dentro do povo de Israel, trazendo vida e capacidade para obedecer aos mandamentos de Deus.

No Novo Testamento, a preposição "com" é destacada na saudação do anjo Gabriel a Maria, evidenciando a presença de Deus com Maria e a preparação divina

⁶¹ CLARK, Stephen B. Batizados no Espírito Santo. São Paulo: Loyola, 1994. P. 73-74

para a missão que ela iria cumprir. A preposição "sobre" é novamente significativa no batismo de Jesus, onde o Espírito desce sobre Ele em forma de pomba, simbolizando a aprovação divina e o início de sua missão messiânica. A preposição "em" é utilizada para descrever a presença contínua do Espírito Santo em Jesus, evidenciada em suas ações e ensinamentos.

A análise também revelou como essas preposições sustentam a linguagem da missão, promovem a unidade e a diversidade no Corpo de Cristo e evidenciam o impacto dos carismas na vitalidade da vida comunitária. Através deste estudo, compreendemos a relevância das preposições na construção de uma visão integrada e dinâmica da atuação do Espírito Santo ao longo da história da salvação e na espiritualidade cristã.

Em suma, as preposições não apenas conectam palavras, mas também adicionam nuances e especificidade às frases, garantindo clareza e precisão na comunicação teológica. Este trabalho contribui para uma melhor compreensão da ação do Espírito Santo nas Sagradas Escrituras e na tradição cristã, destacando a importância de uma análise detalhada das preposições para uma interpretação precisa e enriquecedora dos textos bíblicos.

7. REFERÊNCIAS

BINGEMER, Maria Clara L.; FELLER, Vitor Galdino. Deus, Trindade: a vida no coração do mundo. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 98.

BOFF, Lina. Espírito e Missão na Obra de Lucas: Atos. São Paulo: Editora Paulus, 2005. p. 25-26.

CLARK, Stephen B. Batizados no Espírito Santo. São Paulo: Loyola, 1994. p. 14.

CORRÊA LIMA, Maria de Lourdes. Mensageiros de Deus: profetas e profecias no antigo Israel. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 29.

GRANDO, Roziane Keila. A semântica na Bíblia: um estudo dos significados de palavras bíblicas. Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, 2014. Disponível em: https://sguweb.unicentro.br/app/webroot/arquivos/atsubmissao/SGU_Lenk_14.pdf. Acesso em: 30 nov. 2024.

JOHNSON, E. A. Aquela que É – O mistério de Deus no trabalho teológico feminino. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 93.

KOCH, R. Le Christ et l'Esprit du Seigneur selon Luc 4, 18-19. *Nouvelle Revue Théologique*, v. 115, p. 877–885, 1993.

MAGRASSI, M. Viver a palavra. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 15.

MOLTMANN, Jürgen. O Espírito da vida: uma pneumatologia integral. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 50.

Paulo II, João. **CARTA ENCÍCLICA REDEMPTORIS MISSIO DO SUMO PONTÍFICE JOÃO PAULO II SOBRE A VALIDADE PERMANENTE DO MANDATO MISSIONÁRIO**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 22 mar. 2025.

SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. *Liturgia do Espírito: O Culto Cristão como Experiência*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2024. p. 20.